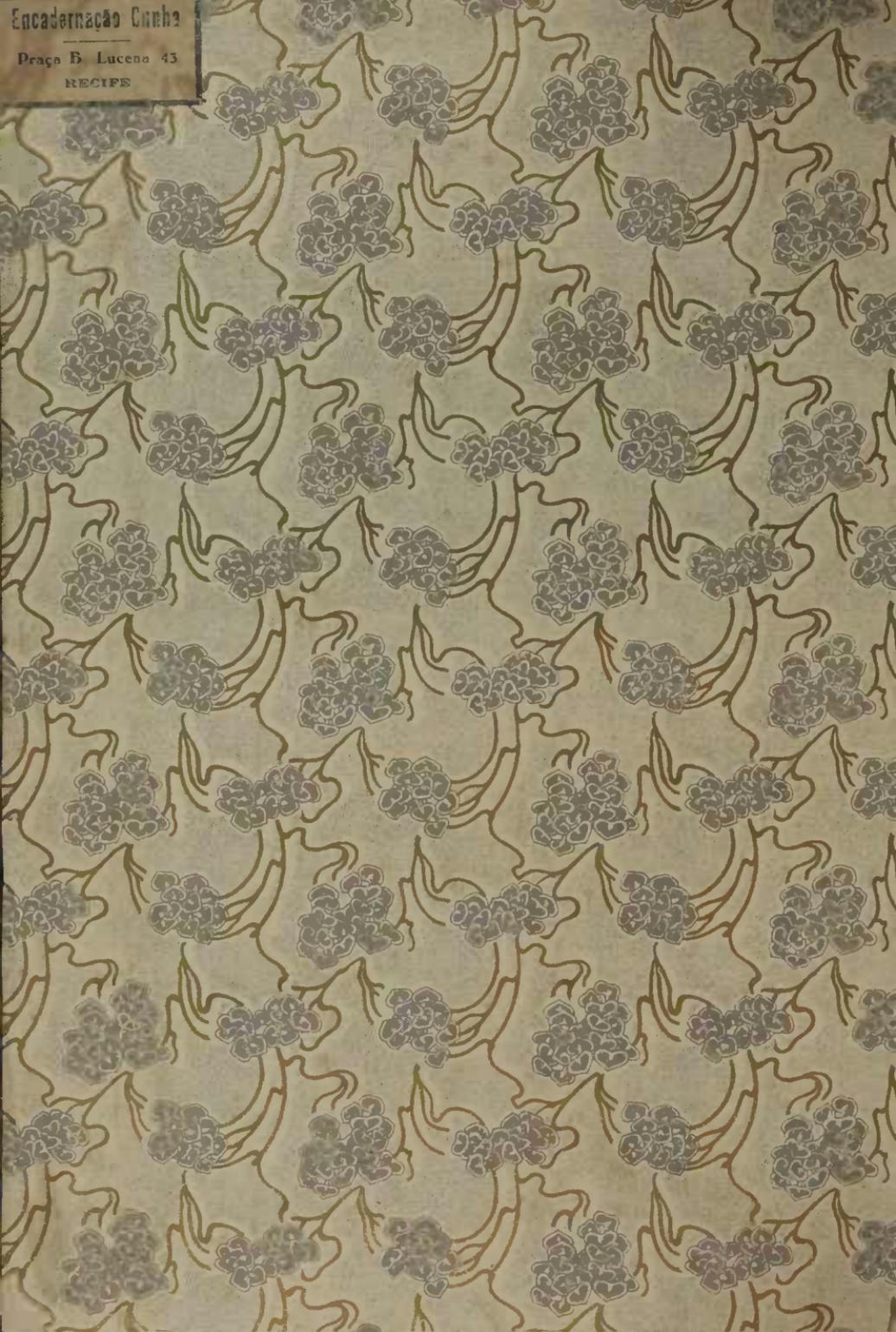


Encadernação Cunha
Praça B. Lucena 43
RECIFE





GILKA DA COSTA MELLO MACHADO



MULHER NUA

(POESIAS)



RIO DE JANEIRO
Jacintho Ribeiro dos Santos

EDITOR

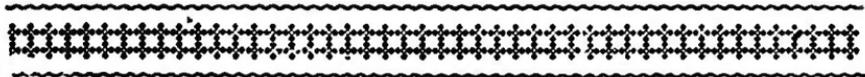
82, RUA SÃO JOSÉ, 82

—
1922

1922



Summula



	PAGS.
Commigo mesma.	15
Luar de Maio....	23
Analogia.	33
Pelo Hiverno.	37
Noute de Junho.....	45
Pagina esquecida.	53
Olhos nuns olhos.....	59

	PAGS.
No cavallo.	63
Felina (á minha gata).....	67
Estos da Primavera.....	71
Alegria da Tristeza.....	81
Impressões do gesto (a uma bailadeira).	89
Ancia multipla.	99
A uma lavandeira.....	107
Balanceio.	113
Verão.	121

	PAGS.
Tristeza.	129
Escutando-me.	133
Miseria.	137
Falando aos anjos.	141
Agonizando.	149
Reflexões.	157
Esfolhada.	169

Commigo mesma

Numa nuvem de renda,
Musa, tal como a Salomé da lenda,
na fôrma núa
que se ostenta e estúa,
— sacerdotiza audaz —
para o Amôr de que és preza,
rasgando véos de sonho, dançarás
nesse templo pagão da Natureza!

Dançarás por amôr das cousas e dos seres,
e por amôr do Amôr
tua dança dirá renunciás e quererés;

MULHER NUA

faze com que desfira
tua lyra
gargalhadas de gôso e lamentos de dôr,
e possas em teu rythmo recompôr
tudo que viste extatica, surpresa,
e a imprevista belleza,
a belleza incorporea
dos perfumes e sons indefinidos
de tudo que te andou pelos sentidos,
de tudo que conservas na memoria.

Dize da Natureza em que á luz vieste,
dize dos seus paineis encantadores,
dize da pompa, do esplendor celeste
das suas noutes; dos seus dias,
e animisa com teus espasmos e agonias
as expressões com que a expressando fôres.

MULHER NUA

Alma de pomba, corpo de serpente,
enche de adejos
e rastejos
teu ambiente,
caiam em torno a ti pedras ou flôres
de uma contemplativa multidão:
de lisonjeiros e de malfeitores
cheias as sendas da existencia estão.
Toda de risos tua bocca enfeita
quando te surja um ser sincero, irmão;
e sejas sempre pura, espelhante, perfeita,
na verdade da tua imperfeição..

Musa satanica e divina
ó minha Musa sobrenatural,
em cujas emoções, igualmente, culmina
a seducção do Bem, a tentação do Mal!

MULHER NUA

em teus meneios languidos' ou lesto
expõe ao Mundo que te espia
que assim como ha na Dança a poesia dos gestos,
ha nos versos a dança da Poesia.

Dança para esse gôso,
o grande gôso maternal
da Terra,
que te fez sem igual,
e, envaidecida,
em seu amôr te encerra,
amando em ti a sua propria vida,
sua vida carnal
e espiritual.

Torce e destorce o ser flexuoso
e estoso
ó Musa emocional!

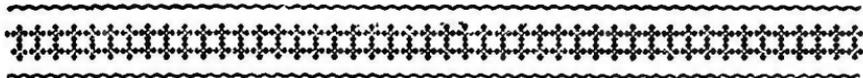
MULHER NUA

maneja os versos
de maneira tal
que elles se fiquem pelos seculos dispersos,
com os rythmos da existencia universal.

E a dançar,
a dançar,
num delicioso sacrificio,
patenteia a nudez desse teu ser puniceo
ante o sereno altar
do deus que te domina.

Que importa a injuria hostile de quem te não comprehenda?
dança, porém, não como a Salomé da lenda,
a lyrica assassina:
dança de um modo vivificador;
dança de todo nua,
mas que seja a nudez sensual da dança tua
a immortalização do teu glorioso Amôr!

Luar de Maio



Maio. A Terra, deserta, á Lua-cheia assoma;
da folhagem través a verde rama,
creio que cada flôr me attrae, me chama,
com olhares magneticos de arôma.

A luz frouxa, sombria,
que ora alveja e arrefece a natureza,
seja infancia da Noute ou velhice do Dia
dizer não pode o verso com certeza.

Pelos flancos immensos das estradas,
fulgem, de modo falho,

MULHER NUA

as arvores, expondo os pingentes do orvalho,
em posturas estheticas, paradas.

Pleno de luz de Lua, claro e lindo,
de um a outro lado
desdobrado,
tremulando e fulgindo,
quasi sem ondas e sem ruidos,
o mar parece um céu arruinado,
cheio de estilhas de sóes partidos.

Os jardins se congelam da brancura
dos chrysanthemos que florindo estão;
de nevoas se congela toda a altura
e se congela o olhar ante o alvôr da visão..

MULHER NUA

Maio é o mez em que Flóra os seus salões franqueia;
a alma se eleva então, assume
o espaço, domina-o, vence-o,
e nos jardins ethereos do silencio,
e nos jardins suspensos do perfume,
embriagada vagueia
á luz da Lua-cheia.

Pairam maciezas no ar e maciezas no chão;
pelas horas geladas e serenas
desta noute me vem a perfeita impressão
de que uma ave, lá do alto, está mudando as pennas.

Maio bizarras florações arranca
da Terra; em maio cuido contemplar
em cada chrysanthemo a pluma crespa e branca
da aza luzente do luar

MULHER NUA

Maio em meu sonho fortemente actua;
maio os jardins reveste
de lívres de Lua;
e no corpo celeste
em maio sempre temos
a visão de um jardim cheio de chrysanthemos.

Observa, espia:
que noute flórea e fria!
ha neve nos jardins — numa imagem precisa —
a terra em cada flôr a neve concretisa
e; em cada tibio raio,
um chrysanthemo esfia
o luar de maio.

MULHER NUA

Flôres e nevoas, nevoas e flôres;
a noute é um mixto de brancuras e de odôres.

O inverno dorme sobre os canteiros
dos jardins, e, aos effluvios dormideiros
da noute, as flôres, em somno brando,
pelos ermos do luar, vagam, somnambulando.
Unem-se o sólo e o céu num floreo abraço;
o arôma sobe, e, em rumo intermino, erra;
maio! — os jardins se alaram para o espaço
e estão flořindo nevoas sobre a terra.

Analogia

*Sempre que o frio chega o meu pesar sorri,
pois te adoro no HInverno e adoro o inverno em ti...*

Amo o Hinvorno assim triste, assim sombrio,
lembrando alguém que já não sabe amar;
e sempre, quando o sinto e quando o espio,
julgo-te etherisado, esparso no ar

Afoíta, a alma do Hinvorno desafio,
para inda te querer e te pensar
por gosar-o e gosar-te, que arrepio!..
que semelhança em ambos singular!

Loucura pertinaz do meu anheló:
— emprestar-te, emprestar-lhe uma emoção,
— pelo mal de perder-te querer tel-o. . .

Amôr! Hinvorno! Minha aspiração!
quem me dera resfriar-me no teu gêlo!
quem me dera aquecer-te em meu Verão!.

Pelo Inverno



Lá fóra, o mar é um largo e liquido arrepio;
as arvores, em somno, embrulham-se nos ramos;
as estrellas estão tiritando de frio.

Almas, não sei porque no inverno tanto amamos!...

São pellos bastos, são velludos quentes
os teus carinhos, nestas hibernaes
noutes longas e humentes.
alheia ao frio que nos mais
actúa,
eu me deixo ficar, immovel, nos ambientes,
toda enrolada na lembrança tua!

Na ausencia, na tristeza
que me invade,
os teus carinhos, meu Amôr,
têm mais sabor,
e mais macieza,
e mais espiritualidade.
Por minha scisma silenciosa e quêda,
teus dêdos humidados e esguios,
como lâgãrtas, da mais fina seda,
fiam finos, fluidos fios. .

Vezez algumas,
sinto, meu bello ausente, os teus abraços,
como bôas de plumas,
contornarem-me o busto atando-me em seus laços
Teu carinho é animado,
sem que estejas ao meu lado,

MULHER NUA

elle vive e palpita em minha calma;
concluo sempre, por sentil-o assim:
o teu carinho é o pollen da tua alma
que fica a germinar dentro de mim.

O teu carinho de tal forma cresce,
e os sentidos me assume,
que, em momentos, uma arvore parece:
hauro-lhe o floreo e languido perfume;
gusto-lhe os fructos de rubente messe;
sinto roçarem-me suas franças,
em distensões longas e mansas.
e fecho os olhos para vel-o, muito lindo,
interiormente olhando-me e subindo.
e escuto nelle, qual num folhedo,
o teu beijo vibrar canções de passaredo.

Teu carinho — estas mãos breves e esguias
que adormecem as minhas agonias.
Teu carinho — a doçura
do paladar da minha Desventura.
Teu carinho — um arôma intimo e brando,
em meu olfacto se esticando
e enrodilhando,
serpentinamentê.
e a melodia
macia
é quente
que eu ouço, quando tudo silencia.
e os gestos que ficaram palpitando
nos meus gestos retidos,
e o olhar que eu olho, dos meus olhos dentro.
Teu carinho — os sentidos
do silencio em que toda me concentro.

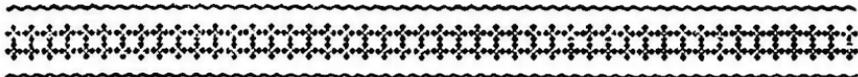
MULHER NUA

Por estas hibernaes
noutes de pellos fluidos,
estranham meus descuidos
e andam de frio tiritando os mais;
é que a recordação
dos teus carinhos
cobre-me o corpo de uma profusão
de plumas e de arminhos.

Lá fóra, o Vento, trémulo de frio,
procura se envolver das frondés nós recamos;
ha no proprio silencio um gelido arrepio.

Foi numa noute assim que nos amamos.

Noute de Junho



Faz tanto frio, tanto frio,
que, de ti longe, phantazio
como gelado te has de estar!
a noute é clara, nivea, etherea,
suggere as noutes da Siberia
assim nevada pelo luar

Través a gaze ténue, fina,
da charpa immensa da neblina
que tudo vela e no ar fluctua,
por estas horas dormideiras,
lembram as altas cordilheiras
gêlo em montões, montões de Lua.

Cae neve? — não; porém, humente
de neve julgo todo o ambiente;
é uma planície êrma, polar,
em cuja frente e em cujos flancos
assomam pellos de ursos brancos,
a solidão sem fim do mar

Faz tanto frio, tanto, tanto,
que sonho neve em cada canto
e penso em ti, meu sonho lindo;
penso-te e, logo, me arrepio.
ai! quem me dera ser o frio
que com certeza estás sentindo!

Todo meu ser se vaporisa,
se faz mais leve do que a briza,
isóbe, mistura-se com o ar,

MULHER NUA

e, em seus anceios se esticando,
busca sentir o offego brando
de um coração a palpitar

Ai! quem me dera` ser o intenso
frio desta hora em que te penso!
— tomar-te as mãos, o busto, a bocca,
e te envolver de lado a lado,
e te deixar branco, espasmado,
por meu querer talvez de louca!

E, ó meu Amôr, com que alegria,
eu, nesta noute de hibernia,
noute de frio tumular,
ao lume azul do meu carinho,
te aqueceria, de mansinho,
— fôra a lareira do teu lar!.

MULHER NUA

O inverno em tudo se insinúa,
gela-me a fronte, o collo; a Lua
toda se esvae, toda se espalma;
e soffro, a um tempo, o duplo anceio
de te esconder dentro em meu seio,
de me esconder dentro em tua alma.

Então, por ti me abstraio, e cuido
ser toda essencia, toda fluido.
e, ó devaneio singular!
fico-me instantes, esquecida,
tendo na minha tua vida,
no ultimo espasmo a esfriar, a esfriar.

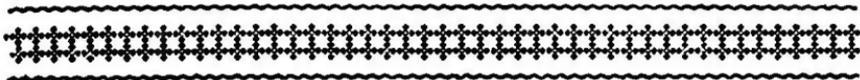
Vae se tornando mais esguio
meu ser, por ti toda me esfio
num elasterio de anciedade;

MULHER NUA

fosse minha alma a alma do Hiverno,
transmittir-te-ia o frio eterno,
a gelidez da eternidade.

Faz tanto frio, tanto frio,
que, de ti longe, phantasio
algido estejas como o luar
Por esta noute de Siberia,
como eu quizera ser etherea
para em meu gêlo te queimar!.

Página esquecida



Traço estas linhas preguiçosamente;
os olhos cerro, de quando em vez,
para não ver, para te ver, talvez.
sinto que vive, por esta hora humente,
qualquer cousa animal na minha tez.
tenho flexões de gata e de serpente.

Estás dentro da minha conjectura,
e si ha tão longo tempo me não vês,
vejo-te bem, por esta noute escura;
vejo-te sim! dirás: “Uma illusão!”
dirás: “Uma doudice!!”;

MULHER NUA

vejo-te sempre! e os olhos cerro, e, então,
minhas palpebras têm toda a ternura
de dous labios que um beijo reunisse:
meus olhos beijam-te a visão.

No vestido que trago
ha um macio debrum, debrum de arminho;
este vestido, em qualquer parte,
faz-me sentir-te, faz-me gosar-te
roçando-me a garganta, de mansinho,
de um modo quasi ethereo, muito vago.
Acham-me todos diversa, estranha,
sempre que este vestido me acompanha.
Assim feito, enfeixado numa bôa,
este vestido (devo t'o dizer)
me enlanguece, me acarinha, me atordôa
e me suffoca de praze.

MULHER NUA

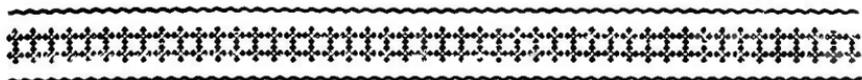
Traço estas letras serpentinamente,
as suas curvas te descreverão
as indolencias que meu corpo sente.
Além, no vacuo do ar, na amplitude da noute,
arrepiando a mudez dormideira do ambiente,
o Hinverno passa, tremulamente,
procurando o calor de uma alma onde se acoute.
si eu lhe pudesse abrir meu coração!

Escrevo-te e quizera te esquecer;
escrevo-te [•]consciente da loucura
de te querer
Vem do sólo, vem do ar, vem de todos os lados,
um frio que me cerca, me procura,
emprestando ao calor da ancia que me tortura
arrepios electricos, gelados.

MULHER NUA

Escrevo-te emmaciada de meiguice,
na funda excitação de uma enorme saudade,
sentindo toda a lyrica velhice
do Hivero se espasmar na minha mocidade.

Olhos nuns olhos



De onde vêm, aonde vão teus olhos, creança,
tão cansados assim de caminhar?
dessa tua existencia nova e mansa
como póde provir um tal pezar?

A alma de phantazia não se cança!
nunca existiu tristeza nesse olhar;
é que a minha mortal desesperança
te olha e nos olhos teus vae se espelhar

Com toda a vista em tua vista preza,
penso: uma dôr tão dolorosa assim
só ha na minha interna profundeza.

Não me olhes mais, formoso cherubim!
que vejo nos teus olhos a tristeza
dos meus olhos olhando para mim.

No cavallo

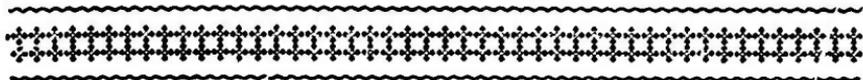
‘ Bello e heroico, agitandô as velludasas crinas,
meu árdego animal, tens a sofreguidão
do infinito — o infinito haures pelas narinas —
e, sem azas obter, buscas fugir do chão.

Domino-te; entretanto, és tu que me dominas.
E’ um desejo que espera a humana direcção
a tua alma, e, transpondo os vallos e as campinas,
meu sentimento e o teu se comprehendendo vão.

Amas o movimento, o perigo, as distancias;
meigo, sentimental, tens arrojadas ancias,
em tuas veias corre um fervido calôr

‘ Quando em teu corpo forte o fragil corpo aprumo
eu me sinto disposta a lançar-me, sem rumo,
ás conquistas da Gloria e ás conquistas do Amôr!

Felina
(À minha gata)



Minha animada bôa de velludo,
minha serpente de frouxel, estranha,
com que interesse as volições te estudo!
com que amôr minha vista te acompanha!

Tens muito de mulher, nesse teu mudo,
lyrico ideal que a vida te emmaranha,
pois meu ser interior vejo desnudo
si te investigo a mansuetude e a sanha.

Expões, a um tempo languorosa e arisca,
subtilezas á mão que te acarinha,
garras á mão que a te magoar se arrisca.

Guardas, ó tacto corporificado!
a alta ternura e a colera damninha
do meu amôr que exige ser amado!

Estos da Primavera

A Primavera é vinda.

Quem seu Amôr não busca, certo, o espera,
ao vir da Primavera.

Por toda a natureza que se alinda,
meu victorioso amôr,
orgulhosa, proclamo,
aãdo, de flôr em flôr,
a murmurar: eu amo!

Amo!

e este amôr que é todo o constante reclamo
do meu ser ao teu ser,

MULHER NUA

eu, surpresa, diviso
nas lymphas que, a correr,
almejam se encontrar,
no perfume que sobe oscillante, indeciso,
a tactear,
a tactear
outro perfume no ar

Amo!

e anda minha emoção de ramo em ramo,
nas frondes; de onda em onda,
no oceano; de luzeiro
a luzeiro, no espaço; e se propaga, e avonda.
E' o mesmo amôr
que de todos os seres se apodera
este amôr que me dá ferezas de panthera,
ternuras de columba; é o mesmo grande amôr

MULHER NUA

construtor,
destruidor,
manso e bravio,
que accende o céu, enflora a terra, açula o mar,
amôr em que me punjo e em que me delicio,
amôr que anima o Universo inteiro,
que vive em toda parte, a sorrir e a chorar!.

Por esta Primavera
ardente e clara,
a paixão que a mim mesma esconder eu tentara
ostental-a quizera
aos olhares de todos e de tudo!
Ah! não fosse a distancia atroz que nos separa,
e, nesta Primavera
ardente e clara,

MULHER NUA

ó meu formoso Amôr, como eu te amara!
como te amara!.

Por tua vida tenho o appello mudo,
o appello afflicto,
as volupias estranhas
e serenas das curvas das montanhas,
á seducção dos longes do infinito!
Por tua vida eu tenho a violencia da chamma
que tudo envolve, que tudo enrama,
que á impotencia reduz
o quanto se lhe antolha, e, num constante assalto,
busca attingir a suprema luz
que a suggestiona do alto!

Por tua vida eu tenho a languidez das flôres
resignadas, silenciosas,

MULHER NUA

às brizas entregando seus amores.
Por tua vida eu tenho a alegria das rosas.
Sou o Amôr que gargalha e sou o amôr que chora;
por tua vida
o egoismo e a abnegação
pairam dentro de mim, numa luta renhida.
Risos que vêm, prantos que vão,
que soffro e goso de hora em hora,
que sinto, de roldão,
num contraste sem fim.
Por esta clara e ardente primavera,
ai quem me dera!
quem me dera
morrer em ti, anniquillar-te em mim!

MULHER NUA

Contemplo, observo as cousas todas:
em quanto me deslumbra e me rodeia,
que alvoroço de bôdas!
— Com que ternura o Sol afaga e enleia
a Natureza! com que ternura
trocam beijos de espuma as lymphas, a agua pura!
com que ternura
a onda marinha a outra onda se mistura!
com que ternura as flôres bolem,
aos exhalos do pollen!
com que ternura estão, pelas estradas
e pelas frondes, aves abicadas!
com que ternura, com que macia
caricia, o Vento envolve a fronderia!
com que ternura as arvores ao Vento
dão o seio opulento!

MULHER NUA

com que ternura o céu se alarga, se descerra,
num afago divino, aconchegando a Terra!

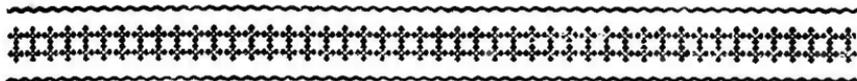
E, ó meu Amor! com que ternura
minha alma te procura!
por ti tenho em meu ser
a ancia mansa do rio
a correr
e a tremer;
e a ancia do mar,
bravio,
a ondular
e a gritar;
e a ancia das azas palpitando no ar;
e a ancia das arvores, abrindo
o seio verde e lindo;
e a ancia aligera do Vento;

MULHER NUA

e a ancia do rochedo scismarento;
a ancia da luz, do pollen, do perfume;
a ancia, enfim,
que resume
em seu anciar insano
todas as ancias
que enchem as distancias
do Céu, da Terra, do Oceano!

Por esta Primavera em lyrismos accêsa,
eû sinto o meu amôr em toda a Natureza,
e sinto a Natureza amando dentro em mim!

Alegria da Tristeza



Na pellucida tarde um orgão sôa.
A esta voz, de indizíveis melodias,
como a tristeza é bôa

e como dôem as alegrias!

Por este som que a altura
ganha
ha uma ascensão estranha.
o espaço todo se me afigura
um calvario infinito
por onde vai seguindo, sem um grito,
a alma da Humanidade
para a Suprema Luz, a Suprema Bondade.

Neste momento,
percebo em mim e em toda a natureza
um sentimento
muito dubio, muito suave, muito lento.
um sentimento
que não sei si magôa ou delicia,
que não sei si é a alegria da Tristeza,
que não sei si é a tristeza da Alegria.

Voz do Universo em prece
fosse, e não fôra assim tão grande
e assim tão densa
esta voz que se eleva e que se expande!
até parece
que a alma enorme da Tarde cresce, cresce,
que a alma triste da Tarde se elastece
para conter esta tristeza immensa.

MULHER NUA

Leva nos surtos seus
o som do órgão uma ancia
de distancia,
uma ancia de chegar aos ouvidos de Deus!
E vae subindo... vae subindo.
enchem o vacuo do ar
e o mysticismo da hora,
Gozos arrependidos de gozar,
Torturas abençoando o mal que as endolora.

Por este occaso de horizonte lindo,
sem nubivagos véos,
creio que os céos
se estão abrindo,
supponho ver transpondo os céos,
Alegrias chorando e Tristezas sorrindo.

MULHER NUA

Existe um bem e um mal
na expressão desta voz sentimental:
um mal para o prazer, um bem para o pezar,
um mal que delícia, um bem que faz chorar

Creio que Deus alongue as luzidias
mãos, para a Terra, em gestos de perdão,
a esta voz de indizíveis melodias.
sou toda crença, toda religião,
um anjo azas espalma
na minha alma,
sinto as benções de Deus sobre meu coração

Orgão, pudessem meus ouvidos
sempre, sempre escutar teus musicaes ruidos,
e, ao teu dominio preza,
embora soffredora,

MULHER NUA

outra me fôra
a vida, com certeza.
Não haveria em mim
esta loucura
de alma que quer delicia e só obtem tortura;
não haveria em mim
este anceio sem fim
de amôr que amôr procura.

A tua melodia, que consiste
em ser de uma tristeza tão tranquilla,
tão resignadamente triste,
só deixaria em mim,
por muito ouvil-a,
tristeza de não ser mais triste, triste assim.

Orgão, eu amo as tuas agonias
longas, lentas, macias.
tu transformas meu ser,
ensinas-me a viver,
ó meu divino exemplificador!
só por ti
eu um dia compreendi
que o unico bem na vida que resiste
é o de saber ser triste
vivendo a saborear a amargura da dôr

Impressões do gesto
(A uma bailadeira)



A tua dança indefinida,
que me retém extática, surpresa,
guarda em si resumida
a harmonia orchestral da natureza,
a eurythmia da Vida.

Danças.

teus lentos

movimentos

lembram-me o despertar preguiçoso das franças
à carícia dos Ventos.

MULHER NUA

Danças .

teu corpo tem

todas as nuances

da onda que vae e vem .

Danças . e um movimento ininterrupto e insano

põe no teu ser divinamente humano

palpitações de oceano .

Danças . nas attitudes que ora assumes,

a tua forma delicada, esguia,

sobe, espirala, rodopia;

e se estira . e desliza .

fica entre o olfacto e o olhar

a minha sensação que se torna imprecisa,

pois, ou teu corpo ora se vaporiza

ou com certeza todos os perfumes

nelle se vieram corporificar

MULHER NUA

Danças. ligeira como te aprumas,
como te elevas das cousas rasas,
teu ser enfeixa nivasas plumas,
teu fragil ser é uma saudade de azas.

Danças e cuido que estejas voando,
pois toda em vôos te transfigurás,
teus membros lembram aves em bando
no aneio das alturas.

Danças. teus gestos são caricias mansas,
a tua dança é um tacteio vago,
é o proprio tacto dedilhando
as melodias do afago.

MULHER NUA

Danças, e fico, a quando e quando,
preza de gozo singular;
e sonho que me estás acariciando,
e sinto em todo o corpo o teu gesto passar

Danças. teu ser é a imagem da Harmonia,
accorda nelle, para meus sentidos,
a alma de todos os ruídos.

Danças. e enquanto meu olhar te espia,
ouvem os meus ouvidos
uma nova, uma estranha symphonia.
ora encolhendo, ora alongando os braços,
da tua propria carnação arrancas
• maviosidades brancas
musicando o silencio dos espaços.

Danças. e toda te espreguiças,

MULHER NUA

e vaes ficando parada.
não se movem teus membros, mas, em cada
linha, tens attitudes movediças;
teu corpo é a dança marmorizada,
quando o quedas assim, por um momento,
observa nelle meu olhar attento
das curvas o bailado.

.. . . .

Danças, os membros novamente agitas,
todo teu ser parece-me tomado
por convulsões de dôres infinitas.
ê desse tragico crescendo
de gestos que enchem o silencio de ais,
vaes
smorzando, descendo,
como que por encanto,

preza de um mystico quebranto...
danças e cuido estar em ti me vendo.

Os teus meneios
são
cheios
dos meus anceios;
a tua dança é a exteriorização
de tudo quanto sinto:
minha imaginação
e meu instinto
movem-se nella alternadamente;
minha volupia, vejo-a torça, no ar,
quando teu corpo languido, indolente,
sensibiliza a quietação do ambiente,
ora a crescer, ora a minguar,
numa flexuosidade de serpente

MULHER NUA

a se enroscar
e a se desenroscar.

Em tua dança agitada ou calma,
cheia de adejos, de tremuras, de elasterios,
materializa-se minha alma,
pois nos teus membros leves, quasi ethereos,
eu contemplo os meus gestos interiores,
meus prazeres, meus tedios, minhas dôres!

Não dances mais, que importa, ó bailadeira linda!
a tua dança para mim é infinda,
vejo-me nella, tenho-a dentro em mim,
constantemente assim!

Nos meus gestos retidos vive preza
como na tua dança extraordinaria,
toda a expressão multipla e varia
da Natureza.

MULHER NUA

No mais alto prazer, no mais fundo pezar,
activa esteja, esteja embora langue,
tenho-te na loucura do meu sangue
para o Bem, para o Mal, a bailar, a bailar!.

Ancia multipla

Dentro da magoa da auzencia tua,
teus beijos pairam, tremulando,
como constellações numa noute sem Lua;
num carinho muito forte ou muito brando,
teus beijos sempre me estão beijando.

Quando me beijas, os meus sentidos
ficam todos nos labios reunidos
para beijarem o teu beijo, Amôr!
Por certo pensarás que a paixão me treslouca:
teus beijos não os sente minha bocca,
sente-os meu ser interior

MULHER NUA

Quando longe te estás,
teu beijo sabe muito mais!.
gozo-o, egoisticamente,
parada, na mudez de um solitario ambiente,
sem que t'ó retribua,
gozo-o por toda a epiderme núa,
indefinidamente.

Na solidão,
teu beijo ganha mais calor e outra extensão:
largo, infinito, electrizante,
sinto-o, em tremores e em desmaios,
vestir-me o corpo a cada instante,
qual uma tunica de raios!

Teu beijo dá-me a sensação
de uma caricia que perfura.

MULHER NUA

Teus beijos matam a amargura
que me atormenta
de uma forma longa e lenta.
Ignoro os meus sejam eguaes
aos teus que, ás vezes, são
finos e penetrantes
como punhaes.

Teus beijos. (delles trago os meus sentidos cheios).
teus beijos claros e humectantes,
ficaram-me na vida, como veios
de agua, em deslizes e em descantes. .
Teus beijos, os teus beijos caminhantes,
dão um pouco de frescura aos meus anceios
que eram desertos abrasados antes.

Teus beijos são elasticos, por certo,
elles se esticam tanto no meu sêr,
que, por sentil-os, julgo crescer
de tal maneira que nem te posso explicar,
de tal maneira que medito:

é assim

que se espreguiça o arôma no ar,
e que o vento se alonga no deserto,
e a luz se espalha pelo infinito.

Beija-me sempre, e mais, e muito mais!.

na minha bocca esperam outras boccas

insaciadas e loucas

os beijos deliciosos que me dás!.

Beija-me ainda,

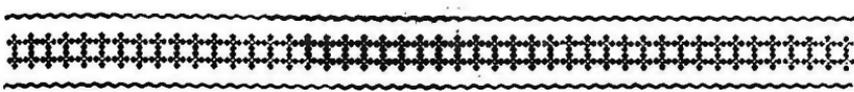
ainda mais!.

em mim sempre acharás

MULHER NUA

á tua vinda
volúpias virginaes
e, beijando-me tanto, não confortas
a ancia infinita dessas virgens mortas
que, em impetos violentos,
se manifestam nos meus sentimentos!.
Beija-me mais, põe todo o teu calor
nos beijos que me deres,
pois vive em mim
a alma de todas as mulheres
que morreram sem amôr!.

A uma lavandeira



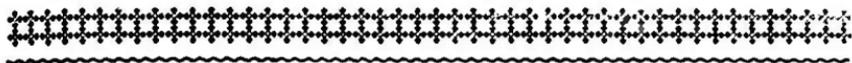
Minha vizinha lavadeira,
mal nasce o Sol, põe-se a cantar .
canta a manhan, a tarde inteira:
mais me parece uma rendeira
nivosos sons esfiando no ar

Quando ella vae ao coradouro
finas cambraias estender,
olhos azues, cabelo louro,
tudo em seu corpo canta em côro,
pela alegria de viver

Horas a fio, o olhar estanco
e estanco o ouvido ao seu labôr;
lembra um tecido muito branco
seu canto suave, ingenuo e franco,
a se alongar do espaço á flôr

Cantar, cantar é sua vida;
quando, ao pallor crepuscular,
ella se vae, a indefinida
canção, embora emmudecida,
por longo tempo fica a echoar

Si a Lua, sobre os silenciados
campos, do luar abre os lençóes,
não mais, então, lhe ouço os trinados,
mas cuido ver, por sobre os prados,
dormir, sonhar a sua voz.



Cantando sempre, ella mergulha
no rio as mãos feitas de luar;
e, por sentil-a, ri, marulha
o rio; aos dedos seus, de agulha,
a agua é uma renda sobre um tear

E dessas mãos o alvôr é tanto
que, ás vezes, tenho a convicção
de que, talvez por um encanto,
alvo se torne tudo quanto
os dedos seus tocando vão.

Embalde o espirito perscruta,
de onde lhe vem esse poder,
de, sem possuir a força bruta,
assim tornar clara, impolluta,
roupa que ás mãos lhe venha ter.

Não poderei, por mais que o queira!
dado me fosse e, dos desvãos
da minha dôr tirara inteira
esta alma, ó linda lavandeira!
para o crysol das tuas mãos.

Ao teu labôr, que assim depura,
tenho este anceio singular:
pudesses tu, lêda creatura,
lavar minha alma da amargura
e pol-a ao Sol para seccar!.

Balanceio



Deante do teu amôr eu me sinto perdida
como deante do mar;
não podes tu saber nem pode elle suppôr
que é toda minha vida
fugir do mar, fugir do teu amôr;
e, de ambos á distancia,
ficar na muda, inexplicavel ancia,
no insustavel desejo de chorar,
com saudade do amôr,
com saudade do mar!.

Tamanho é o teu amôr, tamanho
é o mar, têm ambos tal ternura,

que, ás vezes, penso um pensamento estranho:
o mar é um grande amôr que me procura,
o seu amôr é um mar em que me banho.

Quando te sinto, fecho os olhos e diviso
o infinito do mar;
e não pode exprimir o meu verso impreciso,
o meu verso succinto,
como te sinto,
mal principia a agua marinha a me roçar

Sobre meu coração,
teu coração
tem a palpitação
indomita do mar;
e, quando as ondas me envolvendo vão,

MULHER NUA

creio ouvir palpitar
teu coração,
na tacteante agua do mar

Por um mysterio que não posso decifrar.
receio teu amôr, receio o mar,
mas de ambos deante sinto os passos
lassos,
e tudo em mim procura se entregar
ao teu amôr, ao mar
Não lhe posso dizer
e te não sei dizer
o que se passa no meu ser
de alegria e de magua
quando me prendes nos possantes braços
e o mar me susta nos seus braços de agua.

No teu amôr, no mar, ha um bem

e um mal,
dos quaes me vem
uma attracção fatal.

O teu amôr o mar
cada qual
se descerra
ao meu olhar
egual
a um céo na Terra.

mas, pobres olhos meus, enganae-vos, por terdes
essa visão! O seu amôr, o mar,
são perigos mortaes em que te lanças,
ó minha vida! são abysmos que te exigem
na attracção da vertigem,
são dous abysmos lindamente verdes
— absorventes abysmos de esperanças.

MULHER NUA

Si me fugissem teu amôr e o mar
eu morreria de pezar!

qualquer dos dous de tal maneira me domina
que, em teu amôr, no mar,
eu sou tão fragil, tão pequenina,
que me procuro e não consigo me encontrar

Fujo do teu amôr, fujo do mar,
mas quando minha vista em ti se espalma,
e quando aos olhos meus a agua marinha avonda,
abandono-me a ti como si fosse a tua alma,
abandono-me ao mar como si fosse uma onda.

Deante do teu amôr, deante do mar,
minha pobre razão, indecisa, balança:
quero de ambos fugir, e em ambos me ficar
Como em berço de rendas uma creança,

dentro do teu amôr, dentro do mar,
tođo meu ser descança,
a sorrir e a chorar
Embalae-me, embalae-me, ó meu Amôr, ó Mar,
fazei-me em vós dormir e não mais despertar!

Verão

A Primavera veio
e se foi, mas deixou tremendo em cada seio
um rebento de amôr O Verão se accentúa,
e, de manhan, bem cêdo,
vêm dos silencios amplos e sombrios
dos versudos moitaes,
vêm do arvorêdo,
murmurios
macios
de cicios.
ha um mysterio, um segrêdo
que sae dos intimos refolhos
da alma dos animaes,

MULHER NUA

das plantas, do minereo,
— amoroso mysterio
que as mulheres relatam pelos olhos.

Parece mais redonda
a curva da montanha, a curva da onda.
por onde quer que a luz dos olhos entre
estranha tumescencia encontra em cada ventre;
o claro e escampo céo, sobre as cousas aberto,
da Terra está mais perto
e está mais lindo,
como que pezado, como que cahindo,
das entranhas contendo nos profundos
desvãos a gravidez de novos mundos.

Verão!
que maravilha!

MULHER NUA

— a luz fervilha
em tudo:
nota-se do silencio no velludo
uma palpação
de existencia no embryão;
particulas de Sol a agua envolve, rolando,
particulas de Sol tremem, de quando em quando,
na fronderia, no ar;
particulas de Sol pullulam pela estrada
que trilho, illuminada.
creio que a luz esteja a desovar,
sinto-a vivendo, sinto-a vibrando
na minha pelle, em cada membro, a cada
instante, e vago contaminada,
pelos germens vitaes da procreação solar.

O dia lembra uma exhaustão de amôr

Verão! que acidia, que languor!

Quem me dera também me desdobrar assim
 como esse azul ethereo
 que paira sobre mim
 num lubrico, num lyrico elasterio!

Por ti, Verão, todo meu corpo sente
ancia de se expandir indefinidamente,
ancia de se esticar, de se esticar
 como as montanhas, como o mar,
 em curvas lentas, no semiusto ambiente;
ancia de distender
 uma invis, uma elastica serpente
 que carrego enroscada no meu ser

Quero amôr, quero ardencia! a ti me exponho
 Verão, sou toda fecundidade!
 — o calôr me penetra, o Sol me invade

MULHER NUA

o senso,
e tudo em torno a mim se torna mais extenso,
tudo em que os olhos ponho:
o céu, o oceano, a matta.
e enquanto em gestação a Terra se dilata,
dilata-se minha alma á gestação do Sonho.

Tristeza



I

O prazer nos embriaga, a dôr nos allucina;
só tu és a verdade e és a razão, Tristeza!
— flôr emotiva, rosa esplendida e ferina,
noute da alma, fulgindo, em astros mil acceza.

Não te amedronta o mal, o bem te não fascina,
és o riso truncado e a lagrima repreza;
posta entre o gôso e a dôr — satanica e divina —
moves eternamente um pendulo — a incerteza.

Etherea seducção das longas horas mortas,
horas de treva e luz; mysterio do sol-posto;
mal que não sabes doer e bem que não confortas.

Trago dentro de mim, desde que me acompanhias,
um veneno de mel, um mortifero gosto,
um desgosto em que gosto alegrias estranhas.

II

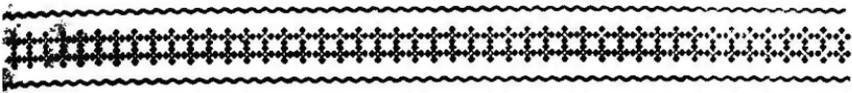
Tristeza no languor das lentas melodias,
no lyrismo do mel que afaga o paladar,
nos perfumes subtis, nas caricias macias,
na espasmodica luz da hora crepuscular.

Tristeza universal, que de tudo me espia,
desde quando alonguei pela existencia o olhar;
tristeza que apagaste as lours ardentias
das fortes emoções que eu sonhara expressar

Vindo tenhas, talvez, para encher os meus dias,
das distancias do céo, das distancias do mar . .
si magôas não sei, não sei si delicias.

Sei que de ha muito morro a te sentir e amar,
sei que me vivo em ti, Tristeza, e as alegrias
hoje apenas me dão vontade de chorar

Escutando-me



Nas horas de trevor, quando, êrma, a Terra dorme,
dos longes de mim mesma, em supplicas, se eleva
uma voz que parece a de um ser multiforme,
que vem da minha treva e vae morrer na treva.

Esta multipla voz, esta voz triste e enorme,
voz que minha não é por tão funda e longeva,
a vibrar, sem que o tempo a enfraqueça ou transforme,
os sentidos me exalta, amotina, subleva.

E' a tumultuaria voz de velhos mortos seres
renascidos em mim, voz de anteriores vozes,
de vidas que vivi nas penas mais atrozes!

Quem poderá calar a multidão afflictta
que, sempre, em minha calma e em meus silencios grita:
Deus, Senhor, onde estão da existencia os prazeres?!...

Miseria

Miseria — minha intima riqueza,
neste viver lentissimo e enfadonho!
Immortal estatuaria da belleza
dos versos dolorosos que componho!

Cêdo, teu vulto, de lirial esgueiza,
olhei, de minha mãe no olhar tristonho;
e nem suppunha, áquelle seio preza
que eras tu que aleitavas o meu sonho!

Deste-me, em ouro que se não consome,
ao espirito quanto me extorquiste
ao corpo, ó pão ideal da minha fome!

Faças-me a alma robusta e a forma etherea,
amo-te assim minha opulencia triste,
minha faustosa e immacula miseria!

Falando aos anjos



Creanças pobres, esqualidas creancinhas
— syntheses de loucuras ancestraes —
vossas tristezas quem m'as déra minhas,
quem m'os dera só meus os vossos ais!
creanças miseradas, pallidas creancinhas,
que elles em vós me dóem muito mais!.

Abrir completamente ás vossas vidas
a minha vida e a todas vós conter,
ó creanças soffredoras, doloridas!
ancia dos dias meus por vos querer:
roubar ao mal da vida vossas vidas,
escondendo-as no fundo do meu ser.

Creanças pobres, irmans e filhas minhas,
 sabeí que, mesmo sem vos divisar,
 eu comvosco me vou, pelas maninhas
 estradas da existencia, ao Sol e ao Luar;
 fui vossa irman, sois hoje filhas minhas...
 nem tenho pranto mais por vos chorar!

Na minh'alma finou-se de tortura
 cêdo, bem cêdo, o anjo que em vós guardaes;
 a minha infancia., feia conjectura,
 lembranças tristes, tragicas, fataes!.
 guardo em minh'alma, morta de tortura,
 uma creança que já não soffre mais.

Com vossas mães, errei, na flôr da idade,
 dando filhos á luz, sem pão, sem lar;
 a ellas, a mim, de onde virá piedade?!.

MULHER NUA

— erros de amôr ninguém póde emendar
Mulheres pobres de viçosa idade,
deveis os ventres esterilizar

Creancinhas frageis, quem, por socorrel-as,
não tem de um goso enorme a sensação
quando as encontra, sem conforto, pelas
ruas, nas hinvernias, no Verão?!

— pois a bolsa esvasiar por soccorrel-as
é encher de ouro immortal o coração.

Repudiados rebentos desta terra
tão ampla, tão fecunda, tão louçan,
vossa existencia que o futuro encerra
é uma promessa anniquilada e van,
pobres creanças sem luz da minha terra,
ó delinquentes homens de amanha!

Mães orgulhosas da maternidade,
as creanças sem conforto filhas são
do abandono geral da Humanidade,
do descaso do vosso coração,
mães opulentas, que á maternidade
das infaustas irmans negaes o pão.

Visseis no alheio filho vosso filho,
poderieis, por certo, assim, desviar
essas, que seguem da desgraça o trilho,
creanças que passam pelo vosso olhar,
sem que nellas vejaes o vosso filho,
ó mães que tendes para accumular!

Creancinhas pobres, malfadado ventre
deixou-vos da existencia nos desvãos!.

MULHER NUA

Creancinhas pobres. viveis sempre, d'entre
meus pensares e mesmo em minhas mãos.
nesta hora, sois os filhos do meu ventre,
e fostes no passado meus irmãos!.

Agonisando



Felicidade!

eu te pensei na minha tenra idade
completamente nova, singular,
e, desde então,
meu ser,
por te pensar,
levando a sensação
pelo sonho illudida,
começou a correr,
a correr pela vida
na ância de te alcançar

Quantos dias vãos, quantos dias,
perdidos nessas longas correrias.

E si quedo, comtudo, em meio á estrada,
 e, já desanimada,
 olhos volvo ao caminho de onde vim,
 novas forças procuro
 para fugir em busca do futuro,
 seja elle embora o fim.

Ante a exhaustão dos dias do presente,
 no passado seduzem-me, sómente,
 meus dias calmos, de innocencia florea,
 os dias vagos, de inconsciente,
 que em branco me ficaram na memoria.

Felicidade!

•

minha alma de te obter já se dissuade!
 sinto que o Tempo vae, veloz, passando,
 e escuto o passo brando,

da Velhice, que vem, sorrateira, chegando.
E quizera amarrar
o Tempo, e desejara impedir-lhe a carreira
para transpôr a Terra inteira,
e, á luz do Sol e ao luar,
dia e noute, lutar
para, enfim, te alcançar

O' minha cyanophtalmica belleza,
separa-nos, por certo, um destino cruel!
no dia em que eu sentisse a minha bocca preza
na eriopetala flôr dos teus labios de mel,
esqueceria todo o passado pezar
e, então, á sombra do teu corpo amigo,
que delicia me fôra, abraçada contigo,
ver o Tempo passar
e a Velhice chegar

MULHER NUA

Felicidade!

eu sinto que me chamas não sei de onde
de um mysterio qualquer que te envolve, te esconde,
de um logar que não vejo e que adivinho.

Minha Felicidade, onde estás, onde estás?!

por ti penso e caminho
nêste deserto intermino e maninho
cujos silencios encho com meus ais.

Minha Felicidade, onde estás, onde estás?

clamo por ti desesperada,
vendo que só convergem para o Nada
todas as linhas deste medonho
êrmo que, só por ti, em ancias mil, transponho.
Clamam por ti todos os sentidos
desta vida que vive, dia a dia,

MULHER NUA

a te buscar e a te suppor,
desta alma que nasceu para a alegria,
para a luz, para os ruidos,
e que, em sombra e em silencio, agoniza de dôr

Minha Felicidade, onde estás, onde estás?!
tardas tanto! por certo me virás
pelos longinquos dias do porvir,
quando não mais
senso me reste para te sentir!.

Eu te suppuz no amôr — fui pelo amôr burlada,
eu te suppuz na gloria — a gloria é um campô santo;
esfallece-me o corpo, exausto da jornada,
e doe-me a idéa de pensar-te tanto!

Reflexões

Homem! um dia para mim partiste,
colhendo-me no horror da plenitude
de uma penuria em que eu medrava, triste,
qual flôr de neve em meio a êrma pallude.

Desde então, com prazer, sempre, seguiste
os desfolhos da minha juventude;
e o tempo faz que para mim se enriste
melhor teu trato cada vez mais rude.

Si fiel a ti o corpo meu persiste,
a alma idealisa o amôr, sonha-o, se illude.
guardes-me, embora, de perfidia em riste!

A' pertinacia do teu trato rude,
o amôr se fez minha virtude triste
e meu peccado cheio de virtude!

Si de maldades anda a vida cheia,
duas virtudes pairam sobre a Terra:
uma tudo que tem aos mais descerra,
outra tudo que tem na alma refreia.

Esta semelha uma ennoutada serra;
aquella é uma planicie á Lua-cheia,
e si uma de si mesma vive alheia,
a outra soffre o pavor do quanto encerra.

Do Bem seguem as duas pela trilha:
esta — luctando, num esforço rude,
aquella — em goso ideal que a maravilha.

Si ambas eguaes parecem na existencia,
chama-se uma inconsciencia da Virtude,
chama-se outra Virtude da consciencia.

MULHER NUA

Na soturna mudez dos meus infaustos dias,
dentro em mim, sem que alguém os possa divisar,
ha um anjo que abençôa as minhas agonias
e um demonio que ri do meu grande pezar

Um me ordena a tortura, e fala em fugidias
delicias, e ergue aos céos o austero e frio olhar;
o outro tem seducções, risos, phrases macias
e açula-me a um prazer bem facil de alcançar

Dous poderes rivaes se defrontam em mim;
como attender, porém, a esse duplo commando?
— um dos dous (qual dos dous?) deve triumphar por fim?

Minha vontade hesita, é a um pendulo egual,
e eu morro, lentamente, oscillando. oscillando.
entre as dôres do Bem e as delicias do Mal.

Eu sinto que nasci para o peccado,
si é peccado, na Terra, amar o Amôr;
anceios me atravessam, lado a lado,
numa ternura que não posso expôr

Filha de um louco amôr desventurado,
trago nas veias lyrico fervor,
e, si meus dias a abstinencia hei dado,
amei como ninguem pôde suppor

Fiz do silencio meu constante brado,
e ao que quero costume sempre oppôr
o que devo, no rumo que hei traçado.

Será maior meu gôso ou minha dôr,
ante a alegria de não ter peccado
e a magua da renuncia deste amôr?!

MULHER NUA

Busco fóra de mim o que existe sómente
em mim; sempre serei a solitaria flôr
que, da infausta existencia esquecida, inconsciente,
varia na embriaguez febril do proprio odôr

Distribue-se meu ser de tal modo no ambiente,
que chego a uma alma irman perto de mim suppôr;
sinto commigo, alguém, longe de toda gente,
e as multidões me dão da soledade o horrôr

O que anceio é só meu, só no meu ser existe,
e por isso me fiz muito triste, assim triste,
no sonho de affeição que me é dado compôr

Procuo-me a mim mesma, em meus longes perdida,
sem poder encontrar, dentro de estranha vida,
um amôr, outro amôr, para o meu louco amôr!.

O' meu santo peccado! ó peccadora
virtude minha! ó minha hesitação!
bem differente esta existencia fôra,
êrmo de `ti tão fragil coração!.

Si ora és sensualidade cantadora,
instincto vivo, alegre volição,
logo és consciencia calma, pensadora,
silenciosa tortura da razão.

Comtudo, eu te bemdigo, eu te bemdigo,
ó dubio sentimento, que commigo
vives, minha' agonia e meu prazer!

Quanto laurel minha existencia junca,
por ti, peccado, que não foste nunca,
por ti, virtude, que inda sabes ser!

MULHER NUA

Meu espirito — eterno insatisfeito —
inutil teu esforço de pureza!
hoje, que obtens das multidões o pleito,
do que nunca é maior tua tristeza.

Ante o teu sonho consummado, esfeito,
notas, cheio da maxima surpresa,
que, na ancia de ser grande, ser perfeito,
mentiste a Deus, mentiste á Natureza.

A ti mesma mentiste, e, merencorea
e humilde, Alma, contemplas estas flôres
que se vêm de esfolhar por tua gloria.

Soffres, os olhos te transbordam de agua!.
dóem mais do que injurias os louvores
por um bem que se fez cheia de magua.

MULHER RUA

Ouve, minh' alma, e pensa muito, pensa:
nossa pobre existencia já se evade,
cheia de tédio, cheia de descrença,
sem que leve sequer uma saudade.

Olham-me com a frieza da indiferença
esses por quem, repleta de piedade,
trocaste outrora uma ventura immensa
pelo atroz desespero que me invade!

Regressa ao teu Amôr, gosa um momento,
que o momento de amôr que a vida gosa
mais do que a eternidade é longo e lento.

Ante o pequeno bem de almas tão frias,
porque te não sustaste, alma piedosa,
com remorso do mal que nos fazias?!

MULHER NUA

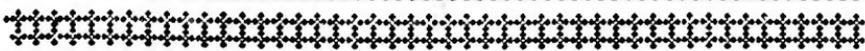
Amei o Amôr, anciei o Amôr, sonhei-o
uma vez, outra vez (sonhos insanos!).
e desespero haja maior não creio
que o da esperança dos primeiros annos.

Guardo nas mãos, nos labios, guardo em meio
do meu silencio, aquem de olhos profanos,
caricias virgens, para quem não veio
e não virá saber dos meus arcanos.

Desillusão tristissima, de cada
momento, infausta e immerecida sorte
de ancian o Amôr e nunca ser amada!

Meu beijo intenso e meu abraço forte,
com que pezar penetrareis o Nada,
levando tanta vida para a Morte!.

Esfalhada



Outomno! Que arrepio
anda por tudo!

— como um passaro esguio,
vôa, de quando em vez, num vôo agudo
e lento,
um vento
muito frio!
muito frio!

Outomno! que arrepio
pões em tudo!.

Certo, não tarda o dia a esfallecer;
em cada fronde ha um sabiá que canta;

na voz dos sabiás quanta tristeza e quanta
tristeza no meu ser!

Pingam folhas. Outomno! a ramaria
mais branda oscilla, a agua do mar se amansa,
e a quéda das cachoeiras se amacia.

Chegas, Outomno, e que mudança
em tudo, á tua vinda!

— a existencia se faz uma lembrança,
— o amor se faz uma saudade linda.

Em despenhos de plumas
frias, tenuissimas, estranhas,
sinto que no meu ser agora te avolumas,
sinto que lentamente, a minha vida ganhas,
Outomno, e tenho ás tuas brumas,
a enorme nostalgia das montanhas.

MULHER NUA

E' lenta e suave

a tarde, Outomno, em que me vens chegando,

tarde que lembra uma ave

agoniada, no poente,

azas de luz murchando

em seu vôo morrente.

Cahem folhas, de leve, quando em quando,

na fôfeza da alfombra;

serão folhas, Outomno, ou se estão desplumando

da tarde as azas funeraes, de sombra?

Esfolhada..

Esfolhada.

Um a um, lá se vão os sonhos do meu ser,

ó minha vaga percepção do Nada,

ó meu Outomno, ó meu pungitivo prazer!

vivi depressa, estou cansada,

quizera em ti calmar para morrer
esfolhada.

esfolhada.

devo, porém, viver para os outros, viver!

Chega de leve, de vagar,
não despertes, Outomno, esta creança que dorme,
deixa-a dormir, deixa-a sonhar;

a amargura da vida é grande, é enorme,
Outomno, dá vontade de chorar.

Dorme, filha minha, dorme!

não perturbe teu somno

o immenso dissabor do meu precoce Outomno!

Cantam os sabiás, lentamente se movem
as frondes: sons e folhas rolam no ar,
cada arvore parece-me uma joven

mãe, a infancia dos fructos a embalar
Cantarão os sabiás nas franças que se movem,
Outomno, ou se enche a paz cerpuscular
dessa tristeza joven
das arvores que estão os filhos a embalar?

A tarde espalha de um espasmo a nuança,
e sahe de toda a parte, e enche todo o ar,
essa infinita voz que se não cança
de cantar,
a cantar
num lamurioso entono
de agua mansa.

Balança a fronderia, a agua do mar
balança;
a Natureza, Outomno,

é um berço enorme:
ha uma existencia nova que descança
em cada cousa que se acaba, se destrança.

Dorme, filha minha, dorme!
seja bemdito o somno que te illude!
que importa a Natureza se transforme
no Outomno, e se desfolhe a juventude?
Arvores e mulheres
temos destinos altos impollutos
na Terra, são eguaes nossos mistéres:
é preciso viver pela vida dos fructos.

Dorme, filha, descança,
o Outomno guarda uma tristeza mansa;
no seu macio e lamurioso entono,
é o embalo do somno

MULHER NUA

de uma creança.

Pingam folhas. o pranto os olhos meus irrorra.
pela estação que chega, que me vem,
em cada arvore eu vejo uma mulher, lá fóra.
e me supponho uma arvore tambem
na esfolhada desta hora.









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).